

AUTOMUTILAÇÃO NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE O ESTATUTO DO CORPO EM PSICANÁLISE

Rodrigo da Silva Almeida¹
Mariana Alves Vieira²

RESUMO

Apresentamos uma discussão sobre a prática da automutilação na escola, ancorados no referencial da Psicanálise Lacaniana, especialmente sobre o estatuto do corpo em Freud e Lacan, por meio de uma revisão de literatura em Psicanálise. Este estudo se justifica em decorrência do aumento da incidência da automutilação na atualidade, especialmente nas escolas e, apesar de ainda não haver estatísticas oficiais no Brasil, estudiosos apontam tratar-se de um problema de saúde pública. Além disso, ressaltamos que o que estamos nomeando como “corpo” não se refere ao corpo da perspectiva biomédica, que tem como base a anatomofisiologia. O corpo em Psicanálise é concebido como aquilo que sofre uma passagem do orgânico para o erógeno, sendo tocado pela pulsão, pela linguagem e pelo desejo, sendo isso o que diferencia os seres humanos dos outros animais. Então, o corpo é pensado aqui como uma folha em branco, onde o sujeito pode inscrever as suas experiências subjetivas. A partir disso, propomos uma leitura psicanalítica lacaniana destacando os aspectos inconscientes da autolesão, partindo do pressuposto de que, *a priori*, trata-se de um modo de subjetivação e não de um transtorno ou patologia, em que o sujeito, na dificuldade de empregar a palavra, se utiliza do seu corpo para expressar e/ou lidar com o seu sofrimento psíquico, endereçando ao Outro um pedido de ajuda através de um ato. Logo, apostamos que esta pesquisa promoverá deslocamentos na discussão sobre este tema, auxiliando os educadores a ter uma maior compreensão sobre este fenômeno.

Palavras-chave: Automutilação na escola, Corpo na Psicanálise, Angústia, Sofrimento Psíquico.

INTRODUÇÃO

“[...] Minha pele pede cortes, Como seria bom poder dizer, olha, é aqui que dói. Vou fazer um curativo. Vai sarar. [...] Mas tudo o que desejo é cortar a minha pele pra salvar a minha pele, pra salvar a minha alma da morte. É preciso causar dor quando não se sente prazer, para saber que se está vivo. Sei que estou viva porque a minha solidão me agride. E eu me permito ser rabiscada por ela [...]”.

Ana Suy, 2023, p. 75-76.

¹ Doutorando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, rodrigoalmeidapsi@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal de Sergipe - UFS, mva052003@gmail.com

Iniciamos este texto com esse trecho do poema “*Quando você não me quer*”, da autoria de Ana Suy (2023), porque nele, de algum modo, se circunscreve o que os sujeitos comumente nos relatam, na clínica, quando narram a experiência de praticar automutilação: um sofrimento psíquico que gera angústia e, na dificuldade de lidar com o que se sente, o sujeito se lesiona a fim de tentar materializar no corpo uma dor psíquica, na tentativa de aliviá-la. Ao mesmo tempo em que há o endereçamento ao Outro de um pedido de ajuda.

Nesse sentido, a presente pesquisa surgiu a partir do percurso do autor, como pesquisador e praticante de Psicanálise com o tema da automutilação, que teve início no período da graduação em Psicologia, no estágio supervisionado em Psicologia Escolar, quando se deparou com a presença desta prática entre os adolescentes da instituição. A partir daí, teve início o processo de pesquisa no intuito de compreender mais sobre este fenômeno no mestrado em Psicologia e agora no doutorado em Psicologia, analisando as relações entre a prática da automutilação e a devastação, a partir da discussão sobre o não-todo e o real do corpo. Além disso, nas últimas décadas tem havido um aumento da incidência da automutilação no âmbito de diferentes instituições humanas, dentre as quais a escola, configurando um problema de saúde pública (Almeida, 2021). Segundo Dettmer (2018) que realizou um levantamento do número de casos de automutilação em adolescentes nas faixas etárias de 13 a 17 anos, de ambos os sexos, em escolas públicas e privadas do município de Dourados, no Mato Grosso do Sul, observou como é grandioso o número de praticantes, a maioria sendo do sexo feminino e tendo 13 anos a idade.

Ancorados na perspectiva teórica da Psicanálise Lacaniana, pensamos que a automutilação não é, *a priori*, de uma patologia, mas um modo singular de subjetivação, uma forma de escrita no corpo que acontece quando, na dificuldade de utilizar o recurso da palavra, o sujeito lesiona a si mesmo, deixando marcas expostas no corpo como um pedido de socorro (Dias, 2019; Falcão, 2021). Diante disso, abordaremos a prática da automutilação na escola, a partir da discussão sobre o estatuto do corpo em Freud e Lacan.

A REVISÃO DE LITERATURA EM PSICANÁLISE

Foi realizada uma revisão de literatura em Psicanálise que, de acordo com Zanotti e Miura (2020) “[...] organiza, esclarece e resume as principais obras e pesquisas referentes a um determinado tema, fornecendo um panorama histórico para a melhor compreensão do fenômeno a ser estudado [...]” (p. 59). Além disso, ressaltamos que no que se refere à pesquisa em Psicanálise, Lacan (1953-1954/2009) advertiu que: “[...] Freud avançava numa

pesquisa que não é marcada pelo mesmo estilo que as outras pesquisas científicas. O seu domínio é o da verdade do sujeito [...]" (Lacan, 1953-1954/2009, p. 33).

Neste texto, o levantamento da literatura foi realizado em duas bases de dados: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC) e Google Acadêmico, utilizando as combinações de descritores: “Automutilação AND escola”, “Automutilação AND Psicanálise Lacaniana”, “Automutilação AND Corpo na Psicanálise”. Nosso intuito foi o de identificar como se articulam as noções de automutilação, escola e Psicanálise e, particularmente, de que modos as pesquisas em Psicanálise realizam essa interlocução. Localizamos um número elevado de publicações e selecionamos 10, a partir de uma análise crítica e qualitativa dos títulos e resumos, priorizando aquelas que traziam a discussão desta temática abordando o estatuto do corpo em Psicanálise. Apesar de não termos feito nenhum recorte temporal, tivemos o cuidado de trazer as pesquisas mais atuais sobre o assunto.

O ESTATUTO DO CORPO EM PSICANÁLISE

Que haja algo que funda o ser, certamente que é seu corpo.

Lacan, 1972-1973/2008, p. 118.

Apresentamos aqui uma breve discussão sobre o estatuto do corpo em Psicanálise em Freud e Lacan. Iniciaremos sublinhando o que estamos nomeando como corpo que, para a Psicanálise, não se refere ao corpo da perspectiva biomédica, que tem como base a anatomofisiologia. No discurso psicanalítico, o corpo é concebido como aquilo que sofre uma passagem do orgânico para o erógeno, sendo tocado pela pulsão e pela linguagem, sendo isso o que diferencia os seres humanos dos outros animais (Soler, 2019; Gonçalves, 2022). E, uma vez que partimos do pressuposto de que essa experiência com o próprio corpo é sempre singular, é nessa particularidade que a clínica psicanalítica tem interesse.

Segundo Gonçalves (2022) apesar de nunca ter mencionado diretamente o corpo em uma teoria, Freud trouxe todo um *corpus* teórico sobre o corpo na clínica psicanalítica. Inicialmente, foi a partir do seu encontro com o discurso das histéricas, cujas manifestações mais expressivas do seu sofrimento psíquico aconteciam no corpo, que foi fundada a Psicanálise. Posteriormente, por meio do conceito de narcisismo, Freud (1914/2010) argumentará que o sujeito pode tomar o seu próprio corpo como objeto de amor e iguala a noção de corpo próprio à instância do Eu, em que: “[...] o corpo erógeno mostrado por Freud

exerce também o papel de um corpo unificado, pois o próprio corpo se coloca no lugar do si mesmo, o sujeito se identifica e se localiza como sendo um corpo” (Ferreira, 2013, p. 24-25).

Outro conceito importante trazido por Freud (1915/2010) foi o de pulsão. Ao fazer a proposição de um corpo pulsional, tendo como base o conceito de pulsão como aquilo que faz fronteira entre o somático e o psíquico, Freud apresenta um corpo que não é redutível aos seus aspectos anatomofisiológicos, tal como era concebido pela medicina de sua época. Posteriormente, destaca que: “O Eu é, primeiro e acima de tudo, um Eu corporal; não é simplesmente uma unidade de superfície, mas é ele próprio a projeção de uma superfície” (Freud, 1923/2011, p. 40). Posteriormente, ao abordar o mal-estar na cultura, Freud diz que esse corpo é uma das três fontes de mal-estar para os sujeitos, tendo em vista que está: “[...] fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência [...]” (Freud, 1930/2010, p. 31).

Já Lacan deu mais visibilidade ao tema do corpo em seu ensino, inclusive dedicando um seminário só para isso: “*O Seminário, livro 20: Mais, ainda*” (Lacan, 1972-1973/2008). De acordo com Gonçalves (2022) neste texto Lacan fala de um corpo afetado pela linguagem, propondo a existência de um corpo falante, colocando em jogo duas dimensões importantes: o discurso e o corpo. A autora também ressalta que Lacan sempre teve um posicionamento bastante crítico a respeito dessa perspectiva biomédica, que se restringe aos aspectos anatomofisiológicos, dizendo que a medicina não sabia que se passa com o corpo do sujeito, que fica alienado a esse organismo biológico. Cito Lacan:

[...] apesar de ser concebível que consigamos, com base nos progressos científicos, obter uma extensão mais e mais eficaz de nossos procedimentos de intervenção no que concerne ao corpo humano, o problema continua insolúvel [...]. Permitam-se assinalar como falha epistemo-somática o efeito que terá o progresso da ciência sobre a relação da medicina com o corpo (Lacan, 1966/2001, p. 10).

Lacan (1972-1973/2008) Também fala de um corpo gozoso, costurando os conceitos de corpo e gozo, argumentando que existe alguma coisa no corpo que é difícil de ser freada, que nada mais é do que o gozo. Conceber o corpo com uma superfície de gozo significa que ele comporta sempre algo que vai ao avesso dos discursos e intenções do próprio sujeito, pois não tem freio. Além disso, o corpo na perspectiva lacaniana é triádico, pois perpassa pelo real (R), simbólico (S) e imaginário (I). Faremos a seguir algumas considerações sobre estes três registros da experiência (Gonçalves; Simões, 2021).

O corpo do imaginário é proposto por Lacan (1949/1998) em sua discussão sobre o estádio do espelho como aquilo que tem a ver com o domínio da imagem, que encanta o sujeito. De acordo com Ferreira (2013) ao fazer a releitura do conceito freudiano de pulsão, Lacan propõe que: “O corpo pulsional é um organismo desnaturado, ou seja, não carrega algo natural, inato, padronizado: o atravessamento sofrido por nós pela linguagem não é sem consequências” (Ferreira, 2013, p. 30). Ou seja, consequências que produzem: “[...] efeitos no organismo. Lacan enfatiza a importância da imagem do corpo para o sujeito – importância libidinal. A imagem do corpo é um dos mais importantes campos de investimento libidinal do sujeito” (Ferreira, 2013, p. 33-34).

Já o corpo do simbólico tem a ver com as marcas significantes que criam a geografia corpórea do falasser (Gonçalves; Simões, 2021). Segundo Ferreira (2013), apesar de Lacan começar a abordar o corpo por via do registro do imaginário, posteriormente ele enfatiza o registro do simbólico, sustentando que o corpo é efeito da linguagem. Por isso, o falasser é disjuncto de seu corpo, tendo em vista já possuir um lugar no mundo antes mesmo de existir enquanto organismo. Em outras palavras: “[...] o discurso envolve o sujeito antes mesmo do seu nascimento, e depois do nascimento o organismo que passa a existir tem, de alguma forma, que se relacionar com esse lugar no discurso que o opera. O corpo aparece então como atravessado pelo simbólico” (Ferreira, 2013, p. 34), sendo a linguagem quem fabrica o corpo (Soler, 2019).

Já no corpo do real, que aparece no seu segundo ensino, Lacan parte do pressuposto de que sem o corpo não há discurso analítico. Também vai falar do real do corpo, que tem relação com sua materialidade pulsional, relacionando o corpo do real com o conceito de carne, introduzindo o real da linguagem identificada ao corpo – a dimensão lalangue (comumente traduzida para o português como lalíngua ou alíngua) (Gonçalves; Simões, 2021), que tem a ver com: “O corpo mortificado pelo significante, o corpo vivo do a, mais-degozar” (Ferreira, 2013, p. 43).

Santos (2022) acrescenta que o conceito de carne em Lacan se refere a essa dimensão do corpo enquanto finito e como substância gozante. A carne é o corpo - que é cifra de gozo - atravessado pelo real, em um movimento interminável e deriva da linguagem em decorrência de ser sujeito de desejo, cindido pela finitude. Gonçalves (2022) ressalta que o corpo do real é esse que sofre o efeito da lalangue, que se manifesta na linguagem, daí se justificando o porquê de o corpo na Psicanálise Lacaniana ser concebido numa perspectiva triádica (RSI): porque ele serve como espaço de inscrição de algo totalmente estrutural da linguagem – a lalangue.

Para Dunker (2017) Lacan diz, no final de seu ensino, que o sintoma é um acontecimento de corpo, que funciona como superfície de inscrição do sintoma, tendo como base a discussão sobre a lalangue. Isso implica em dizer que não há sintoma que não toque o corpo. Já Gonçalves (2022) ressalta que a lalangue se refere a uma linguagem distinta da linguagem da sintaxe (que pode ser narrada e é passível de um sentido). A lalangue é muito mais da ordem da afetação, uma linguagem muito mais do sentir do que do sentido e por isso caracterizando um acontecimento de corpo, que é atravessado pelo registro de um real que não cessa de não se inscrever. Logo, apresentamos aqui uma breve discussão sobre o estatuto do corpo em Psicanálise em Freud e Lacan para, a partir disso, refletir sobre a prática da automutilação na escola, tal como faremos a seguir.

A PRÁTICA DA AUTOMUTILAÇÃO NA ESCOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTATUTO DO CORPO EM PSICANÁLISE

“[...] as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer”.

Lacan, 1975-1976/2007, p. 26.

Em seu texto *“O Mal-estar na cultura”*, Freud (1930/2010) fala sobre o ingresso do sujeito na cultura, que requer dos sujeitos a renúncia da satisfação de suas pulsões e desejos, questão que não é fácil, tendo em vista que o ser humano, desde o seu nascimento, buscam constantemente satisfazer os seus desejos. Freud então deu visibilidade ao descompasso que vivemos entre atender as exigências da sociedade e realizar os nossos desejos, dizendo que:

Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas que concernem ao seu próprio destino, a questão de se esse equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel (Freud, 1930/2010, p. 58).

Na opinião de Borges (2021) o mal-estar na cultura proposto por Freud, se apresenta na escola das mais variadas formas. Nesse sentido, destacamos aqui o fenômeno da automutilação como um exemplo disso. A partir disso, propomos uma leitura psicanalítica da autolesão, destacando os seus aspectos inconscientes, partindo do pressuposto de que, *a priori*, trata-se de um modo de subjetivação e não de um transtorno ou patologia, em que o

sujeito, na dificuldade de empregar a palavra, se utiliza do seu corpo para expressar e/ou lidar com o seu sofrimento psíquico, endereçando ao Outro um pedido de ajuda através de um ato e o corpo é pensado como uma folha em branco, onde o sujeito pode inscrever as suas experiências subjetivas (Falcão, 2021).

Tomando a automutilação a partir da perspectiva da Psicanálise Lacaniana, propomos uma escuta que toma ancoramento na metáfora do oleiro, que Lacan (1959-1960\2008), em seu "*O Seminário, livro 7: a ética da Psicanálise*", se inspirou no filósofo Martin Heidegger para fazer uma relação entre a estruturação do psiquismo com a inscrição simbólica.

Scherer e Carneiro (2020) comentam que, na metáfora do oleiro, Lacan faz menção aos significantes que têm como função proporcionar o suporte à constituição do sujeito e compara esses significantes a um hábil oleiro, cujo ofício é fazer com muita habilidade a modelação dos contornos ao redor do vazio revelado pelo centro do vaso. Esse artesão, ao modelar as bordas da argila, sua matéria-prima - material bruto, sem forma - transforma-a a partir do seu espaço central e elabora o vaso, sem fazer o seu preenchimento. Citamos Lacan:

Ora, se vocês considerarem o vaso, na perspectiva que inicialmente promovi, como um objeto feito para representar a existência do vazio no centro do real que se chama a Coisa, esse vazio, tal como ele se apresenta na representação, apresenta-se, efetivamente, como um *nihil*, como nada. E é por isso que o oleiro, assim como vocês para quem eu falo, cria o vaso em torno desse vazio com sua mão, o cria assim como o criador mítico, *ex nihilo*, a partir do furo (Lacan, 1959-1960/2008, p. 148).

Nesta metáfora, Lacan (1959-1960/2008) está chamando a atenção para o vazio mantido em um lugar central, demarcado pelas bordas traçadas, que possibilita a construção de simbolizações, na medida em que o vazio introduz e cria o vazio, significante que modela o sujeito do inconsciente. Na centralidade do vaso, no furo, localiza-se o real, a hiância, proporcionando a construção do objeto. Então: “[...] A princípio, o vaso é vazio; a linguagem se constituirá a partir dessa abertura mantida. A modelagem do significante coincide com a introdução no real de um furo” (Scherer; Carneiro, 2020, p. 140).

Segundo Lacan (1959-1960\2008) o sujeito humano vai fazendo o modelamento do significante, sendo artesão de seus suportes. Com base nisso, Scherer e Carneiro (2020) afirmam que o psicanalista, ao atuar na escola, pode se inspirar na função de artesão, moldando as suas intervenções a partir do vazio, contornando as bordas desse furo, demarcado pelo surgimento do inesperado em sua práxis, no intuito de contribuir para a produção de saberes singulares, apostando na criação.

Isso significa que o caminho que contorna o vazio é sempre construído a partir de um percurso singular de travessia na direção da constituição de um trabalho, a partir da escuta dos diferentes atores que compõem o universo escolar, em: “[...] uma proposta que engendra algo que não se totaliza, permitindo outras rotas, desvios e novos começos” (Scherer; Carneiro, 2020, p. 144). Millot (1992) corrobora dizendo que: “[...] Se o poder da palavra é o princípio da cura analítica, é nela também que a educação deve se apoiar para ajudar o sujeito na superação de seus conflitos psíquicos” (Millot, 1992, p. 46).

Além disso, aproveitamos para fazer uma retificação à campanha Setembro Amarelo, organizada pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), e pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), cujo objetivo principal é a prevenção do suicídio e - apesar de a mídia dar menos visibilidade, também à prevenção da automutilação -, em que várias instituições abraçam essa iniciativa, dentre elas a escola. Conseqüentemente, é muito comum que, no mês de setembro, encontrar as escolas ornamentadas com símbolos amarelos que remetem a campanha, a presença de frases do tipo “A vida é a melhor escolha”, “Juntos somos mais fortes”, “Toda vida importa”, dentre outras.

Reafirmamos aqui o quanto é importante que as escolas, assim como outros setores da sociedade se engajem em discussões de temas delicados – como é o caso da automutilação e do suicídio - que precisam de uma maior visibilidade por parte da sociedade, e não estamos nos opondo à aderência a ela. Todavia, consideramos válido advertir que o suicídio e a automutilação não acontecem apenas no mês de setembro e que a escola também tem um papel importante na discussão sobre estes assuntos, pois o que mais se observa são às limitações de tais “políticas da conscientização”, cujo efeito tem sido, dentre outros, a sedução pelo saber mágico do especialista e o aumento da demanda dos alunos medicalizáveis.

Em nosso percurso pesquisando sobre o fenômeno da automutilação, observamos ser comum os educadores ficarem desesperados quando se deparam com casos de automutilação na escola e de terem como uma de suas principais ações o encaminhamento direto e acrítico dos alunos para psicólogos, psiquiatras etc., como se fosse uma questão que não tivesse nenhuma relação com a escola, além do fato de este ainda ser um tema tratado como tabu pelos educadores. Apesar de o encaminhamento a outros profissionais ser necessário, é preciso que os educadores possam fomentar espaços de conversação com os alunos nas escolas sobre esses e outros assuntos tabus.

Um exemplo de como esse tema ainda é um tabu é a presença de estigmas e preconceitos em torno das pessoas que praticam automutilação na escola, que acabam

funcionando como barreiras atitudinais que reproduzem um discurso moralista que culpabiliza e violenta esses sujeitos, como “falta de Deus”, “querer chamar a atenção” etc., o que acaba corroborando - dentre outras coisas - para que esses sujeitos sintam vergonha de buscar ajuda.

Segundo Borges (2021), isso acontece porque os temas sobre adolescência se apresentam aos educadores como uma espécie de enigma, que, ao se depararem com problemáticas como a automutilação e o suicídio, ficam desesperados sem saber o que fazer para ajudar esses alunos. Ou seja, é a dificuldade de lidar com o real que escapa à pedagogização. Então: “A prevalência de respostas em ato por adolescentes, como autolesões no corpo e suicídio, surge como um ponto que promove impasses na condução dos docentes em sala de aula quando demandas desta natureza emergem na escola” (Borges, 2021, p. 80).

Diante disso, a entrada da Psicanálise na instituição escolar implica, para Voltolini e Gurski (2020), que o psicanalista não vai à escola apenas para escutá-la, nem se propõe como uma clínica psicanalítica na ou em educação. Ao contrário disso, seu intuito é pensar os efeitos advindos do encontro entre ambas, pois a entrada do discurso psicanalítico na escola visa, antes de tudo, o lugar de reconhecimento da singularidade dos sujeitos.

Lopes (2017) acrescenta que o analista na escola buscará auxiliar o sujeito a se colocar em outro lugar que não o da repetição e também que ele tenha a oportunidade de encontrar um novo significante que represente melhor a sua história. Nesse sentido, as intervenções buscam fazer corte com o gozo do sujeito, auxiliando-o a encontrar outros sentidos para si.

Segundo Ferreira (2018) o psicanalista não pode perder de vista que sua intervenção nas instituições não pode se configurar numa imposição de saber, sob o risco de sair do discurso do analista e incorrer no discurso do mestre. Ao contrário disso, deve estar sempre aberto em sua escuta, não devendo apenas oferecer a palavra para que os sujeitos falem, mas também: “[...] supor saber naquele que fala, surpreender-se com o que produz sobre a realidade, sua vida, suas experiências, operando, no mesmo movimento, uma possibilidade de que se aproprie do que diz e no ato mesmo da enunciação, se renove e se crie” (Ferreira, 2018, p. 131).

Diante disso, é possível pensar em possibilidades de o psicanalista atuar como um agente de transformação social através da sua escuta, contribuindo para subverter a lógica político-social vigente e apostando no sujeito da linguagem, ressaltando a sua singularidade, na diferença de cada invenção, sabendo que a verdade nunca será totalmente dita e convocando os sujeitos a se implicarem em sua história e no curso da história dos seus semelhantes (Lopes, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Que renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época [...]”.

Lacan, 1953/1998, p. 322.

Iniciamos estas considerações finais com o chamamento de Lacan (1953/1998) aos psicanalistas, em seu texto *“Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”*: coloquem em seu horizonte a subjetividade de seu tempo. As transformações na cultura e nos laços sociais colocam diversos desafios aos psicanalistas. Uma tentativa de resposta a isso é a prática lacaniana nas instituições, resultado do descastelamento dos psicanalistas do *setting* do consultório tradicional, adentrando as mais diversas instituições humanas, sendo uma delas a escola, onde um dos impasses enfrentado pelos educadores tem sido o aumento da incidência das práticas de automutilação.

Diante de casos de automutilação na escola, o psicanalista, ancorado na perspectiva de um corpo pulsional, recortado pela linguagem, estará advertido de que nesta prática, *a priori*, trata-se de um modo de subjetivação e não de um transtorno ou patologia, em que o sujeito, na dificuldade de empregar a palavra, se utiliza do seu corpo para expressar e/ou lidar com o seu sofrimento psíquico, endereçando ao Outro um pedido de ajuda através de um ato.

Além disso, a entrada do psicanalista nas escolas visa, a partir do reconhecimento da singularidade, gerar furos na consistência discursiva dos saberes que se apresentam como hegemônicos e favorecer a emergência do sujeito do inconsciente. Nossa aposta é que uma possibilidade – não-toda - de fazer isso é proporcionando o suporte à constituição dos sujeitos, se orientando a partir da metáfora do oleiro proposta por Lacan (1959-1960\2008). Nela, o psicanalista assume a função de artesão, moldando a sua atuação a partir do vazio, contornando as bordas desse furo e apostando na criação e na produção de saberes singulares, que auxiliem o sujeito que pratica automutilação a encontrar um saber-fazer singular de lidar com o seu sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S. **Historiografia das práticas de automutilação**: produção de sentidos em narrativas de jovens no ensino superior. 2021. 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: https://ip.ufal.br/ptbr/posgraduacao/mestradoempsicologia/documentos/dissertacoes/2021/rod_rigo_dissertao_com_ficha_catalogrfica.pdf/view. Acesso em 08 Jul. 2023.

BORGES, L. A. **Diagnósticos na escolarização**: uma leitura psicanalítica de discursos sobre os adolescentes. 2021, 91f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: https://ip.ufal.br/pt-br/pos-graduacao/mestrado-em-psicologia/documentos/dissertacoes/2021/layla-dissertao_layla_de_albuquerque_borges_verso_final__2021.pdf. Acesso em 23 Ago. 2023.

DETTMER, S. E. S. **Cutting**: uma caracterização do fenômeno em escolas de Dourados (MS). 2018, 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Fundação Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados\MS, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix>. Acesso em 22 Jul. 2023.

DIAS, I. M. S. **Cutting - a automutilação em perspectiva lacaniana**. 2019, 74 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade. Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.uva.br/sites/default/files/cutting_a_automutilacao_em_perspectiva_lacaniana_ines_mendonca_dos_santos_dias.pdf. Acesso em 08 Jul. 2023.

DUNKER, C. **Como interpretar o corpo na psicanálise?**. Falando Nisso, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CpKNP7SbyMI>. Acesso em 11 Jun. 2023.

FALCÃO, J. **Cortes & cartas**: estudos sobre automutilação. Curitiba: Appris, 2021.

FERREIRA, L. A. **De que corpo se trata em psicanálise?**. 2013, 85f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Sergipe, 2013. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5952/1/LIVIA_ALVES_FERREIRA.pdf. Acesso em 08 Jun. 2023.

FERREIRA, T. Pesquisa em psicanálise: a conversação e a entrevista clínica como ofertas de palavra - a aposta na invenção subjetiva. In: FERREIRA, T.; VORCARO, A. (Orgs.). **Pesquisa e psicanálise**: do campo à escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 129-152.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo e ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obras Completas, v. 12.

FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo e ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obras Completas, v. 12.

FREUD, S.). O Eu e o id (1923). In: FREUD, S. **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Obras Completas, v. 16.

FREUD, S. O Mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, S. **O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obras Completas, v. 18.

GONÇALVES, G. A.; SIMÕES, A. **Seminário aberto – O Corpo na Psicanálise - Mais, ainda**. Alexandre Simões Psicanalista, You Tube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IRpSSIJtNM>. Acesso em 11 Maio 2023.

GONÇALVES, G. A. **O corpo na clínica psicanalítica: teoria e prática.** São Paulo: Juruá Editora, 2022.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). *In:* LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 96-103.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). *In:* LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.

LACAN, J. **O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954).** 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, J. **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960).** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. O lugar da psicanálise na medicina (1966). **Opção Lacaniana**, 32 (1), 1-7.

Disponível em:

https://www.academia.edu/34382843/Lacan_o_lugar_da_psicanalise_na_medicina. Acesso em 25 Jul. 2023.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973).** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **O Seminário, livro 23: O Sinthoma (1975-1976).** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LOPES, L. S. **A escola como cenário de narrativas da adolescência: escuta psicanalítica de adolescentes que praticam automutilação.** 2017, 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, 2017. Disponível em: https://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UFOR_df0573fae4bde0b48e3cde12a17. Acesso em 02 Jan. 2021.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

SANTOS, R. **A carne do real: Merleau-Ponty e a psicanálise.** São Paulo: Dialética, 2022.

SCHERER, L. C. B.; CARNEIRO, C. Mal-estar na escola e a aposta docente: encontros e desencontros. *In:* VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (Orgs.). **Retratos da pesquisa em psicanálise e educação.** São Paulo: Contracorrente, 2020, p. 133-148.

SOLER, C. **O Em-corpo do sujeito – Seminário 2001-2002.** Salvador: Ágalma, 2019.

SUY, A. **Não pise no meu vazio ou o livro do vazio.** São Paulo: Planeta, 2023.

VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. Apresentação. *In:* VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (Orgs.). **Retratos da pesquisa em psicanálise e educação.** São Paulo: Contracorrente, 2020, p. 9-12.

ZANOTTI, S. V.; MIURA, P. O. Revisão da literatura: os exemplos de Freud e Lacan. *In:* QUEIROZ, E. F. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em psicanálise.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020, p. 55-74.